

UNIVERSIDADES *Alunos aproveitam greve de professores e reivindicam mais verbas; reitor pede reintegração de posse*

Estudantes invadem a reitoria da USP

Vania Delpoio/Folha Imagem

Campus de Ribeirão limita manifestações

FREE-LANCE PARA A FOLHA RIBEIRÃO

O prefeito do campus da USP (Universidade de São Paulo) em Ribeirão Preto, Moacyr Antônio Mestriner, limitou a greve no local, impedindo que sejam realizadas manifestações no restaurante central.

Os professores e funcionários do campus entraram em greve no dia 27 de abril. Ontem, a adesão era de 80%, de acordo com o sindicato. A diretoria do campus não forneceu dados sobre a greve. São 630 professores e 1.460 funcionários no total.

De acordo com Sandra Bernardo, diretora do Sintusp (Sindicato dos Trabalhadores da USP), a medida tem o objetivo de conter a paralisação.

"Essa atitude irritou bastante os trabalhadores. Isso foi feito para retaliar a greve", disse Sandra.

A Adusp (Associação dos Docentes da USP) informou que a alternativa apresentada pela prefeitura para a realização de assembleias foi a capela da universidade em Ribeirão.

O prefeito afirma que a medida não tem o objetivo de proibir as manifestações.

Segundo ele, a medida foi tomada por causa de funcionários do restaurante que não aderiram à greve. Eles estariam se sentindo constrangidos com as manifestações feitas no local.

"Temos de respeitar o direito de cada um", disse.



Alunos da USP ocupam o prédio da reitoria da universidade, em apoio à greve dos professores

DA REPORTAGEM LOCAL
DAS REGIONAIS

Cerca de 200 estudantes da USP (Universidade de São Paulo) invadiram ontem às 14 horas o prédio da reitoria, durante a reunião do conselho da universidade. Eles ocuparam a ante-sala da área de reuniões, onde o reitor da USP, Jacques Marcovitch, comandava o encontro do conselho.

Durante a ocupação, os estudantes quebraram um cadeado e dois vidros da entrada principal. Não houve feridos. Os estudantes queriam acrescentar à pauta da reunião do conselho suas reivindicações em apoio à greve dos professores, iniciada no dia 25 de abril.

Marcovitch deixou a reunião para atender aos alunos e outro professor assumiu a pauta do conselho. O reitor conversou com uma comissão formada por seis alunos, que apresentou as reivindicações. Eles querem mais professores, eleições diretas para reitor e diretor das unidades e mais verbas para as universidades estaduais.

Atualmente, as três universidades (USP, Unesp e Unicamp) recebem 9,57% da arrecadação do ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços).

Os manifestantes querem um aumento para 11,6% na alíquota do ICMS destinada às universidades, além de reajuste imediato de 25% para os professores e servidores estaduais da educação.

Os alunos reclamam também da extinção de algumas disciplinas e da existência de salas de aula com até 130 alunos.

Segundo os estudantes, o reitor marcou nova reunião para sexta-feira, quando a pauta será detalhada. Marcovitch condicionou o encontro à saída dos estudantes da reitoria.

Às 18h de ontem, os alunos permaneciam no prédio da reitoria e

começavam a fazer uma assembleia para decidir os rumos da ocupação. A proposta inicial era de uma ocupação por 24 horas, que deveria encerrar-se às 14h de hoje.

O reitor Marcovitch disse que "a violência da invasão foi inoportuna e inaceitável porque a reunião do conselho já discutia a questão salarial, como eles queriam".

Ele anunciou que já pediu a reintegração de posse do prédio ontem mesmo. O reitor descarta ação policial.

Fatec

Alunos e professores da Fatec (Faculdade de Tecnologia de São Paulo) e ETes (escolas técnicas estaduais) também fizeram manifestação ontem pela manhã e no começo da tarde. Eles protestaram em frente à Assembleia Legislativa, e depois seguiram em passeata pela av. Brigadeiro Luís Antônio até o Masp. Segundo os manifestantes, havia 2.000 pessoas no protesto. A polícia estimou mil. Estudantes e professores pedem a não-desvinculação das Fatecs e ETes da Unesp e também o mesmo reajuste dos professores universitários.

Ministro

O ministro da Educação, Paulo Renato Souza, disse ontem em Serra Negra (SP) que não vê razão para a greve das universidades do Estado de São Paulo.

"Não acho que as universidades estejam em uma situação de crise que justifique uma paralisação."

"Greve não é solução, ainda mais no ensino fundamental", disse referindo-se à greve da rede estadual de ensino fundamental.

Em relação ao déficit de professores e ao alto número de docentes aposentados que ainda dão aulas na Unicamp, o ministro afirmou que este é um problema interno da universidade e do governo do Estado.